

Exemplos e potencialidade

Na última quarta-feira, o presidente argentino, Carlos Menem, convocou inesperadamente uma reunião dos comandantes militares com os ministros da Defesa, das Relações Exteriores e do Interior e os responsáveis pelo setor de inteligência. O objetivo foi colocar os serviços de segurança do país em alerta contra eventuais rebeliões. Não se trata de paranóia. A preocupação imediata do chefe do governo é evitar que se repitam, em seu país, incidentes como a sublevação ocorrida no sul do México, no dia 1º de janeiro, especialmente levando em conta que, em novembro, conflitos menos graves mas igualmente preocupantes ocorreram na província argentina de Santiago del Estero.

Segundo o Prêmio Nobel de Literatura mexicano Octavio Paz, que de forma alguma pode ser considerado um esquerdista, o levante de Chiapas, um dos mais pobres estados mexicanos, teve a interferência de grupos extremistas. Ele adverte, entretanto, que “a modernidade chegou tarde e mal a Chiapas. Não resgatou os camponeses nem melhorou suas condições de vida. Ao contrário, ao transformar a cultura tradicional e as antigas hierarquias, acentuou as terríveis desigualdades sociais e culturais. A população camponesa... vem sendo submetida há séculos a muitas humilhações, discriminações e ignomínias. Por anos e anos, suas petições não foram ouvidas, nem pelas classes abastadas... nem pelos governos”.

As sublevações argentina e mexicana têm motivos locais muito específicos. Paz chega a dizer que “é muito difícil, embora não impossível, que ela se estenda a outras partes do território nacional”. Não há, contudo, como esquecer que Argentina e México têm sido apontados como exemplo para o Brasil. Se o são, o são também quanto às consequências das ações governamentais. Não se quer dizer com isso, que o país deva abandonar os projetos de ajuste e de modernização do Estado, pelo contrário.

O Brasil não pode permanecer na situação em que se encontra ou se encontrava até

recentemente. Enquanto a inflação destrói a vida econômica exceto a dos poucos que dela se beneficiam, a corrupção abate as instituições e a violência decorrente da soma de ambas ao crime comum atinge a todos, embora não simultaneamente.

É preciso promover ajustes profundos na economia e na política nacionais a fim de que o Brasil possa retomar o caminho do desenvolvimento da única forma duradoura que existe, aquela que é acompanhada pela redução das iniquidades e injustiças sociais. Tivemos uma “década perdida”. Mesmo assim, com a possível exceção do Japão e da Alemanha (e estes em parte devido à necessidade de recomeçar a partir da destruição provocada pela guerra), nenhum país manteve níveis de crescimento médio tão elevados como o Brasil ao longo dos últimos 60 anos.

O Brasil não só teve um crescimento extraordinário como mantém um potencial para seguir avançando, desde que se façam os ajustes necessários. Não se trata de um “mercado emergente” como outras nações que às vezes são apontadas como modelos, mas são incapazes de manter performances obtidas em certas condições. “Os mercados emergentes podem ser fofos como um suflê e igualmente propensos a encolher... Espere-se choro e ranger de dentes naquelas economias em que as perspectivas de crescimento a longo prazo parecem garantidas”, advertiu recentemente o jornal britânico *Financial Times* analisando especificamente as Bolsas de Valores do Terceiro Mundo. Já o Brasil, segundo a Wharton School, a mais tradicional das faculdades de Administração de Empresas do mundo, num estudo recente, é um dos seis países que poderão determinar o destino dos negócios mundiais a médio e longo prazos ao lado dos EUA, Alemanha, Japão, Rússia e China. “Não olhamos para a inflação, mas para a potencialidade”, justificou o reitor-adjunto da entidade. É hora dos brasileiros fazerem o mesmo e agir de acordo.